



Pesquisa Qualitativa, teoria e metodologia

## Reflexões sobre pareceristas de artigos científicos na Educação Física

*Reflections about reviewers of the scientific papers in Physical Education*

**Saray Giovana dos Santos<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Professora Adjunto, Universidade Federal de Santa Catarina

**RESUMO** – Este ponto de vista surgiu da experiência na contribuição, tanto como avaliadora quanto avaliada, em artigos submetidos para revistas indexadas na Educação Física. Nesse sentido, foram feitas algumas considerações sobre: quem são os pareceristas? Qual o papel de um parecerista e a sua contribuição para a ciência e a sociedade? Qual o retorno para os avaliados? Para tal, classifiquei os pareceristas como os que “sabem tudo”, os “arcaicos”, os “donos da área” e os “já que”. As críticas são para contribuir com aqueles que se doam como pareceristas, para que a nossa área contribua para a Ciência e para a Sociedade.

**Palavras-chave:** parecerista, educação física, artigos científicos.

**ABSTRACT** - This point of view emerged from experience in contribution both as reviewer and author in papers submitted to journals indexed in Physical Education. Some considerations were made: who are the reviewers? What is the role of a reviewer and his contribution to science and society? What is the feedback towards the authors? Therefore, I classified the reviewers as those who "knows everything", "archaic", "owners of the area" and "already that". These suggestions aim to contribute to people who give themselves as a reviewer, for our field of knowledge helps Science and Society.

**Key words:** Cesarean Section, Obstetric Delivery, Obstetric/ Education Delivery, Public Policies.

### 1. INTRODUÇÃO

Há muito que faço conjecturas acerca da tarefa de um parecerista de artigos científicos, ou seja, um avaliador. Conjecturas estas tanto como avaliadora quanto como avaliada.

Ao iniciar o processo de leituras para embasar o meu ponto de vista sobre os pareceristas de artigos científicos de periódicos na Educação Física, me deparei com um escrito de Pinho<sup>1</sup>, resultante de uma reflexão feita a partir das valiosas manifestações expressas em forma de colocações, interlocuções, réplicas e tréplicas a respeito de problemas no processo de avaliação de artigos submetidos tanto a congressos acadêmicos quanto a periódicos, em três edições consecutivas (31, 32 e 33<sup>a</sup>) na Revista Organizações & Sociedade (O&S), por Gondim e Thiry-Cherques, Pena<sup>7</sup> e Kruger, respectivamente.

Em suma os debates iniciaram, quando Gondim em conversa com Pinho externou sua preocupação e decepção com determinados pareceres que vinham muito sintéticos e que não contribuíam para o avanço da qualidade do artigo e o processo de conhecimento<sup>1</sup>.

Da mesma forma, cada vez que efetuo a avaliação de um artigo e que submeto um artigo para ser avaliado, várias são os meus posicionamentos e questionamentos, respectivamente, e acredito que muitos dos pareceristas da nossa área de periódicos científicos compartilham destas inquietações.

Assim, por meio deste ponto de vista, apresento alguns questionamentos, os quais provavelmente não conseguirei responder totalmente, mas tentarei aguçar a postura de alguns colegas que assim como eu aceitam a doce tarefa de serem pareceristas, cujo trabalho aumenta a nossa carga horária semanal às vezes em tanto, que sempre vem aquela frase: “este é o último”, mas na verdade nunca o é.

**Autor correspondente**

**Saray Giovana dos Santos**

Departamento de Educação Física

Programa de Pós-graduação em Educação Física do CDS/UFSC

Universidade Federal de Santa Catarina

Campus universitário – Trindade

88040-970 – Florianópolis, SC – Brasil

Email: [senseisaray@hotmail.com](mailto:senseisaray@hotmail.com)

Versão submetida em 04/07/2011

Aprovada para publicação em 19/09/2011

Antecedendo as questões propriamente ditas, para que haja melhor entendimento, vale reportar o que me levou a refletir sobre o papel de avaliadores de revistas indexadas na área 21, mais especificamente na Educação Física. Até pouco tempo, antecedendo o processo da corrida ao Lattes, pesquisas eram realizadas, apresentadas e debatidas em eventos científicos, enfim, o processo era mais lento. No entanto, com o aumento no número de cursos de pós-graduação na Educação Física do país, começaram as cobranças, principalmente em relação às metas a serem cumpridas em termos de produção veiculada em periódicos indexados, pois se não houver o cumprimento das referidas metas, o programa não galga níveis frente a CAPES, não se ganha e/ou não se mantêm bolsas para os pós-graduandos, não se consegue verbas para manutenção do programa e, em casos extremos, pode haver o descredenciamento do programa.

Deste modo, a corrida para a produção intelectual de um programa de pós-graduação está cada vez maior, na medida em que aumentaram as cobranças para tal. Assim, são utilizadas estratégias para que haja o reconhecimento acadêmico, ou seja, maior produção científica, conforme evidencia o estudo de Marchlewski et al<sup>2</sup>, ao apresentarem o que diferentes pesquisadores discutem sobre as diversas estratégias utilizadas para garantir maior número de produção.

Com o olhar para o produto final, vamos focar para os que fazem o papel de vilão ao peneirarem tanta produção para a corrida às maiores pontuações frente a classificação dos periódicos apresentados no *Webqualis*, os pareceristas. Quem são essas pessoas? Qual o papel de um parecerista e a sua contribuição para a ciência? Qual o retorno para os avaliados?

## 2. QUANTO AOS AVALIADORES

Para Lipp citado por Virmond<sup>3</sup>, um bom parecerista é aquele que pesquisa e publica regularmente, já para Virmond<sup>3</sup>, além dos quesitos citados, o parecerista deve ter equilíbrio suficiente para entender o que o autor abordou, verificar a relevância da proposta, e, se for o caso, contribuir para a melhoria da redação, apontando caminhos para aprimorar o texto.

Ainda, Virmond<sup>3</sup> evidencia o respeito que o parecerista deve ter com o autor, por mais iniciante que este seja, pois um comentário rude e prepotente denigre mais o parecerista que, eventualmente o autor.

Então a tarefa de um parecerista é árdua, consome tempo e de grande responsabilidade, pois faz parte do processo final da apresentação da investigação sendo assim imprescindível para a divulgação da ciência. Por outro lado, os que têm todos os predicados de um bom parecerista são os que mais contribuem com a ciência, portanto, os que têm menos tempo, assim poucos são aqueles que se mostram acessíveis, mesmo porque é um trabalho pouco valorizado. Recentemente as agências nacionais de pesquisa estão considerando como elemento importante no currículo do pesquisador, a prestação dos serviços de parecerista.

Não esquecendo o mérito de um parecerista e não utilizando de reflexões sobre os aspectos éticos e morais da avaliação de mérito de trabalhos científicos, tão bem elaboradas por Pena<sup>4</sup>, mas, para fazer conjecturas acerca dos pareceristas dos periódicos brasileiros da Educação Física, utilizarei de uma forma de classificação, que muito lembra a forma que Silveira<sup>5</sup> utilizou para classificar os tipos de revisões de literatura. Então classifiquei os pareceristas em grupos e me incluo em algumas destas classificações, sendo elas: os que “sabem tudo”, os “arcaicos”, os “donos da área” e os “já que”.

No grupo dos que “sabem tudo”, estão aqueles que não admitem formas de expressão ou metodologia utilizada que não seja a mesma que ele pesquisa e/ou a forma com que ele escreve. Só a instrumentação que ele usa é a ideal para pesquisa; só ele tem o domínio de um tipo de conhecimento e se é para escrever um artigo original, é proibido fazer citações, pois afinal de conta se é original, ninguém pode ter feito antes. Então fica difícil convencer um parecerista que tem esse tipo de critérios para avaliação.

No grupo dos “arcaicos” ou também os ultrapassados, ou seja, aqueles que não se atualizam e só aprovam o formato que conhecem. Este é um dos casos mais frequentes, pois a tendência são as novas tecnologias, novas formas de análises, enfim inovação. Para acompanharmos e podermos fazer pareceres coerentes, devemos nos atualizar, pedir auxílio para especialistas na área específica da dificuldade encontrada, como por exemplo, não estamos a par da técnica estatística utilizada no artigo que estamos avaliando, então solicitamos o auxílio de um estatístico e assim por diante. O importante é ter a humildade suficiente para admitirmos o que não sabemos e pelo menos nos interarmos para poder avaliar se o caminho apontado pelos autores está ou não coerente, caso contrário como contribuir.

Tem o “dono da área” este tipo de parecerista é aquele que se considera o precursor de uma determinada linha de pesquisa e se apodera de um determinado objeto de estudo ou método de investigação e, por consequência, não admite que outros investiguem na mesma vertente, ou pior, que outros pesquisadores tenham melhores perspectivas de estudo e ainda que escrevam melhor que ele. Daí o parecerista acaba criticando minúcias que nada acrescentam para a melhoria do artigo, só para ter o prazer de reprovar o mesmo.

Por fim, os pareceristas do tipo “já que”, ou seja, aquele que avalia sempre querendo que o(s) autor(es) tenha(m) pesquisado de outra forma. “Já que” fez isso porque não fez aquilo. Então na verdade o parecerista fica fazendo referências sobre o que poderia ter sido pesquisado e não o que realmente foi investigado, aliás, isso acontece com frequência em bancas de mestrado e doutorado. Para ser aprovado na verdade o autor tem que escrever um novo artigo, nos moldes que o parecerista quer.

Muitas vezes fica mais difícil e cansativo justificar ao parecerista o que foi feito e porque, do que realmente fazer o que ele quer, a meu ver é dessa forma que, em muitos casos, perde-se a ideologia do que realmente se pesquisou.

### 3. QUANTO AO PAPEL

O papel de um parecerista é verificar se o material que está sendo avaliado contempla as exigências do periódico ao qual foi submetido, se realmente existe a contribuição e inovação ao tópico que se propôs a escrever, se existe coerência interna e externa no artigo e emitir um parecer detalhado sobre sua avaliação.

Por outro lado, para emitir tal parecer, muitas são as exigências, quando se faz realmente uma avaliação procurando contribuir com o periódico, com a ciência, com a sociedade e não apenas para a publicação de mais um artigo. Existem as normas da revista que devem ser seguidas, existem os caminhos metodológicos diferenciados inerentes ao tipo de artigo, quer seja ele de revisão, um ponto de vista, um artigo original, dentre outros. Por outro lado, devemos ter cuidado e estarmos abertos e alertas para não nos tornarmos os pareceristas classificados anteriormente.

Há recíproca no papel de avaliador e avaliado, estamos nos aperfeiçoando na avaliação e no aprendizado e vice-versa, pois o avaliado de hoje

poderá ser o avaliador de amanhã, aliás em todos os momentos de nossas vidas devemos estar abertos para a aprendizagem, todos tem o que ensinar e o que aprender.

Certa feita, fazendo um comentário sobre correção de um artigo, recebi uma crítica ao dizer que emito um parecer detalhado, especificando o que pode ser melhorado, inclusive dando sugestões, com o intuito de auxiliar na melhoria do material e o artigo vir a ser aceito. Daí a crítica foi no sentido que não tenho que contribuir tão detalhadamente, mas sim fazer questões para que o autor responda e ele mesmo melhore. De certa forma, a crítica foi pertinente, pois um parecerista deve sim fazer suas contribuições, porém não ser utilizado como orientador ou co-autor. Mas, por outro lado, poderemos fazer algumas considerações ou questões que o autor não tenha o discernimento adequado, portanto, melhor ser detalhista e contribuir, do que apresentar metáforas que venham desestimular as devidas correções.

### 4. QUANTO AO RETORNO

Quando estamos avaliando um artigo, em muitas vezes até nos irritamos com pequenas e/ou grandes coisas, como a má dissertação, erros de português, erros sobre normas, erros metodológicos, a falta de maturidade científica, a falta de entendimento estatístico, pesquisas que terminam onde deveriam começar, enfim nos irritamos com a má formação, a falta de maturidade científica da qual nós (docentes e orientadores) somos culpados.

Faltam entre outras coisas, bases para esta corrida para currículos Lattes cada vez mais inchados, falta entendimento sobre o significado das autorias (ver Montenegro e Alves<sup>6</sup>), falta ética, inclusive para dados manipulados, dados plagiados, enfim a base para a contribuição da verdadeira ciência.

Mas a questão aqui é outra, vamos focar no parecer do avaliador. Dependendo do tipo que o parecerista foi classificado no primeiro tópico (quem são), ele emite um parecer, às vezes são terríveis com os autores, “destroem” o artigo, transbordam de agressividade, arrogância, amargura, mediocridade e alguns esquecem das dificuldades que tiveram ao redigir seus primeiros artigos.

Por outro lado, quando um artigo é reprovado, segundo Manzini<sup>7</sup>, são comuns reações adversas dos autores. Uma delas é questionar a avaliação, recorrer, refutar os argumentos dos pareceristas. Outros não

recorrem, mas guardam um sentimento desconfortável que pode variar desde uma irritação passageira a um sentimento de desqualificação pessoal ou profissional.

Certa vez me foi apresentado como desabafo um parecer de um artigo reprovado por um único avaliador sobre um tema polêmico. Mas, além de reprovar, o parecer veio criticando sobre a não utilização de pressupostos teóricos totalmente adversos ao viés do artigo. O parecerista ainda colocou em dúvida a veracidade dos dados, dentre outras colocações. Mas a questão é a forma como foi emitido o parecer, o que esse parecer poderia ter gerado ou no caso, ensinado? Que existem pesquisadores que inventam dados ou então, que devemos escrever o que os possíveis avaliadores gostariam de ler, aliás está se tornando uma cultura em publicações, ou você escreve com a “cara” da revista, ou seu artigo não é aceito (ver Marchlewski et al<sup>2</sup>).

Quando me reporto à cara da revista, não estou falando apenas das questões de forma, mas sim da questão de minimização. Não precisa mais colocar problema, não precisa mais colocar o tipo de pesquisa, *design* em estudos experimentais para que? Tipo de amostragem é irrelevante e assim por diante. Se por um lado os estudos qualitativos não se deixam engessar por exigências metodológicas, os quantitativos estão perdendo o gesso porque alguém começou a achar que muitas coisas não têm relevância, daqui a pouco tempo, os artigos científicos serão iguais reportagens, um vídeo mostrando os resultados e as conclusões, até que não seria má idéia, já que cada vez menos se escreve.

Por fim, podemos enfatizar que o papel de um avaliador, muito bem apresentado no estudo de Manzini<sup>7</sup>, ao analisar 60 pareceres de artigos submetidos a Revista Brasileira de Educação Especial, nada mais é que contribuir, apresentando várias sugestões pontuais para melhor apresentação e clareza dos textos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar o meu ponto de vista, gostaria de enfatizar que as críticas aqui elaboradas são apenas no sentido construtivo, pois ao nos reconhecer em uma dessas classificações e revermos nossa atuação, estaremos certamente contribuindo para a ciência, para a sociedade e principalmente para nós mesmos, pois em alguns casos ao aprovarmos ou rejeitarmos um artigo ficamos com aquela sensação de dever não muito bem

cumprido, ou seja, será que realmente utilizei de bons critérios?

Ainda, considerando que as colocações aqui efetuadas resultaram da experiência enquanto parecerista e comentários de colegas que também o são, da mesma forma que sendo avaliada enquanto pesquisadora e observando as indignações de outros colegas que recebem suas avaliações e, principalmente, querendo contribuir para nossa atuação é que faço as seguintes considerações finais:

- devemos deixar o ego de lado quando nos deparamos com artigos que tiveram visão diferente da nossa, mesmo sendo na mesma linha e com o mesmo objeto de estudo;
- admitir que não somos os donos do saber e sermos humildes para pedir auxílio para entendermos aquilo que não temos domínio;
- fazer a avaliação do que foi proposto e não do que poderia ter sido feito;
- aceitar concepções diferentes das nossas e não ficar procurando defeito para não aprovar o artigo;
- cuidado ao reprovar um artigo original, apenas porque ele faz citações de outros com estudos similares, porém com objeto diferenciado;
- mostrar caminhos para melhoria do material, porém não deve ser um orientador do trabalho;
- emitir um parecer da forma que gostaria de receber as referidas correções e sugestões.

Por fim, utilizando algumas das sábias colocações da obra de Ruiz e Ruiz<sup>8</sup>, ao emitirmos pareceres vamos tentar sermos impecáveis em nossas colocações; tanto os avaliadores quanto aos avaliados, tentem não levar nada para o lado pessoal e vamos procurar sempre dar o melhor de nós, não pensando apenas no número de publicações, mas sim no papel de ambos (parecerista e autor), ou seja, colaborarmos para que a nossa área contribua para a Ciência e para a Sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Pinho JAG. Brevíssimo manual do editor: considerações sobre submissão e avaliação de artigos, o papel dos pareceristas e do editor de revistas científicas. Rev Org Soc 2005, 12(34):169-173.
2. Marchlewski C, Silva PM, Soriano JB. A influência do sistema de avaliação Qualis na produção do conhecimento científico: alguma reflexões sobre a Educação Física. Motriz 2011, 17(1):104-116.
3. Virmond MCL. Pareceristas e currículos – editorial. Acesso em 09.09.2011. Disponível em: [http://www.usc.br/biblioteca/salusvita/salusvita\\_v28\\_n2\\_2009\\_e\\_ditorial.pdf](http://www.usc.br/biblioteca/salusvita/salusvita_v28_n2_2009_e_ditorial.pdf).
4. Pena RPM. Comentando: “A face oculta do parecerista: discussões éticas sobre o processo de avaliação de mérito de trabalhos científicos” Rev Org Sociedade 2005, 12(33):169-172

5. Silveira RCP. A organização textual da discussão científica de revisão. *Tema* 1992, 16(4):99-111.
6. Montenegro MR, Alves VAF. Critérios de autoria e co-autoria em trabalhos científicos! *Acta Botânica Brasílica* 1997, 11(2): 273-276.
7. Manzini EJ. Avaliação de artigos da Revista Brasileira de Educação Especial. *Rev Bras Educ Especial* 2004, 10(3): 273-286.
8. Ruiz M, Ruiz J. O quinto compromisso: o livro da filosofia tolteca. Rio de Janeiro: Best Seller, 2010.